

## Notícias em Portugal e Espanha sobre clima favorecem discurso político

 [rtp.pt/noticias/mundo/noticias-em-portugal-e-espanha-sobre-clima-favorecem-discurso-politico\\_n1189441](https://www.rtp.pt/noticias/mundo/noticias-em-portugal-e-espanha-sobre-clima-favorecem-discurso-politico_n1189441)

De acordo com uma nota da UC enviada hoje à agência Lusa, o estudo teve como objetivo "analisar a cobertura mediática ibérica sobre mudanças climáticas para discutir melhor a sua influência no envolvimento do público com o tema".

Foram examinadas perto de meio milhar de notícias `online` - 217 em Portugal e 232 em Espanha -, publicadas em 2017 e 2018 em vários órgãos de comunicação social de âmbito nacional.

As notícias foram recolhidas através da base de dados do Google News, adianta a UC, indicando que foram "selecionadas por ordem de relevâncias dos meios, em quatro períodos temporais": fevereiro a março, junho a julho e outubro a novembro de 2017 e fevereiro a março de 2018.

De um modo geral, nos dois países, as notícias "dão destaque aos discursos políticos ou técnicos, sobretudo às discussões entre os vários partidos políticos, negligenciando os discursos e comportamentos dos indivíduos", relata Neide Areia, autora do estudo, já publicado na revista científica *Science of The Total Environment*.

"No caso de Portugal, por exemplo, das 217 notícias avaliadas, apenas 12 favorecem a sociedade civil", destaca, citada pela UC, Neide Areia.

Além disso, na sua grande maioria, as notícias "salientam `framings` alarmistas, por exemplo, o número de mortes ou a extinção em massa de espécies", acrescenta.

"Os jornalistas tendem a enquadrar os assuntos relacionados com o meio ambiente colocando excessivo foco nos problemas, sejam eles os efeitos das alterações climáticas ou o fracasso das instituições políticas no combate às mesmas", salienta a investigadora do CES.

Em relação aos fenómenos climáticos mais noticiados, a seca - e o seu impacto na agricultura - surge em primeiro lugar em ambos os países (157 notícias), seguindo-se, em Portugal, notícias relacionadas com fogos florestais.

Os resultados do estudo mostram que "os media devem democratizar a comunicação das alterações climáticas, aproximando a realidade do problema à realidade do indivíduo comum", sustenta a investigadora.

"Ao invés da significativa projeção dada a notícias relacionadas com discussões político-científicas do foro internacional ou de catástrofes ambientais ocorridas num outro ponto do mundo, os jornalistas devem enquadrar o assunto das alterações climáticas ao nível das comunidades locais e ao nível individual", afirma.

Considerando a influência dos media na formação da opinião pública, Neide Areia defende que "um discurso mais pró-ativo sobre as alterações climáticas pode fazer toda a diferença, influenciando na adoção de comportamentos sustentáveis (público em geral) e na implementação de políticas e leis ambientais (responsáveis políticos)".

De facto, sublinha Neide Areia, "uma comunicação democrática sobre assuntos ambientais - focada em mais notícias pró-climáticas, por exemplo, ações das comunidades para lidar com as mudanças climáticas, e não apenas nas falhas dos governos em relação à política ambiental ou desastres relacionados com o clima - melhoraria o papel ativo dos media no envolvimento dos indivíduos e ajudaria a promover respostas ativas da sociedade às mudanças climáticas".

A investigadora vai agora alargar o estudo a França, Irlanda e Reino Unido, estando já a analisar 1.600 notícias publicadas em 2017 e 2018, prosseguindo o seu trabalho com o estudo do "tipo de discurso político privilegiado nas notícias", refere a UC.

A investigação foi realizada no âmbito do projeto europeu RiskAquaSoil: Plano Atlântico de Gestão de Riscos no Solo e na Água, centrado na deteção dos impactos das alterações climáticas nos

espaços rurais, contribuindo para a gestão do risco, o uso dos recursos hídricos e do solo, a reabilitação de áreas agrícolas e o desenvolvimento de novas práticas.

Liderado por Alexandre Tavares, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC, o RiskAquaSoil (iniciado em 2016) tem a participação de cerca de quatro dezenas de investigadores de Espanha, França, Irlanda, Portugal e Reino Unido.